

## A RECEPÇÃO DA POESIA OSSIÂNICA, DE MACPHERSON: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ana Lucia de Souza Henriques  
UERJ

A idéia de dar início a um levantamento da recepção no Brasil das “traduções” da obra de Ossian, de James Macpherson, surgiu ao escrevermos, a convite do Prof. Dr. José Luís Jobim, um artigo sobre dois volumes de poesias ossiânicas traduzidas para o italiano encontrados no levantamento das obras da biblioteca que pertenceu a Machado de Assis, feito por Glória Alves Vianna de Oliveira, para sua tese de doutoramento na Universidade Federal Fluminense. A partir dessa catalogação, Jobim organizou a edição de um livro, a ser publicado em junho deste ano pela Topbooks, com artigos enfocando temas relacionados à biblioteca de Machado, assinados por diferentes especialistas.

Antes de tratarmos da recepção da poesia atribuída a Ossian no Brasil, julgamos relevante tecer algumas considerações preliminares a respeito da maneira pela qual essas “traduções” foram recebidas na Grã-Bretanha e, posteriormente, no continente europeu. Nessa primeira etapa de nossa pesquisa, focalizaremos apenas aspectos da recepção das obras em questão na Grã-Bretanha.

Com a publicação de *Fragments of Ancient Poetry*, em 1760, Macpherson atraiu a atenção de leitores não apenas das terras altas da Escócia, como também do público britânico para a poesia celta num momento em que poucos se interessavam por ela (GASKILL, 1996, p. vii). Apesar de tratar-se de um panfleto contendo apenas quinze pequenos poemas, *Fragments* fez com que a poesia antiga composta em gaélico se tornasse tema de debate dos encontros da sociedade literária de Edimburgo. Nas “traduções” de Macpherson, o lamento melancólico de guerreiros que pertenceram a um passado que se queria glorioso é apresentado em prosa bem ritmada com vocabulário simples e imagens naturais de grande beleza, estilo que agradaria o público leitor.

Em 1761, seriam publicadas as traduções do épico *Fingal* e de outros poemas que teriam sido coletados por Macpherson nas terras altas da Escócia.

Desde a publicação de *Fragments*, a admiração causada pelos poemas veio acompanhada de um questionamento, principalmente por parte de britânicos não escoceses, quanto à autenticidade das traduções. As discussões continuaram de maneira ainda mais acirrada após o aparecimento de *Fingal*.

Um dos primeiros a manifestar tanto sua dúvida quanto seu entusiasmo pelos *Fragments* foi o poeta inglês Thomas Gray. A respeito da autenticidade e qualidade da poesia atribuída a Ossian, afirmou que acreditava que fossem autênticos, apesar de ter fortes razões para pensar o contrário. Gray preferiu considerar os poemas como antigos, pois, segundo diz, nunca teve conhecimento de nenhum poeta escocês de seu tempo que lesse e, muito menos, escrevesse poesia dessa qualidade (STAFFORD, 1988, p.163). Ao afirmar que não conhecia nenhum “escocês” de seu tempo que fosse capaz de produzir poesia de grande qualidade, Gray deixa transparecer um certo preconceito para com os seus vizinhos do norte.

Convém lembrar que muitos dos ataques aos poemas publicados por Macpherson tiveram motivações de cunho político. Macpherson contava com o patrocínio do impopular Conde de Bute, ministro da ala conservadora do governo britânico, confidente do rei George III. Sua participação efetiva em medidas governamentais mal sucedidas acabaria por causar sua renúncia. Dessa forma, seus oponentes usaram todos os meios possíveis para atacá-lo, inclusive através das “traduções” da poesia ossiânica por ele assinadas.

Além disso, a publicação das “traduções” de Ossian vieram à lume numa época em que era debatida a questão da preservação da identidade nacional escocesa. Desde a união dos parlamentos escocês e inglês, em 1707, muitos escoceses temiam que a perda da independência política, dentre outras conseqüências, levasse também ao apagamento de traços considerados como tipicamente nacionais. Assim, a União representou uma ameaça à identidade nacional. Para muitos, tratava-se de um desrespeito à vontade dos escoceses em geral, que se sentiam humilhados em terem de se submeter totalmente ao poder de um Parlamento no qual o seu país se faria representar por apenas uma minoria dos membros e cujo o poder de decisão estaria colocado nas mãos dos ingleses. Não se tratava, portanto, de uma união federal, mas de uma incorporação, apesar de não ter sido esse o desejo de alguns escoceses que apoiavam a União. Assim, as duas únicas instituições nacionais preservadas após a dissolução de seu parlamento seriam o sistema legal e a igreja escocesa.

O período que seguiu assinatura do Tratado de União foi marcado por diversos confrontos entre ingleses e escoceses. O debate em torno da União também causou um aprofundamento do sentimento jacobita e os descendentes de James VII, da Escócia, e II, da Inglaterra, eram identificados na imaginação de muitos escoceses como um símbolo da independência e do orgulho do país, perdidos após a assinatura do Tratado.

Nesse contexto, enquanto ingleses como Gray se deixaram atrair pelo estilo das “traduções”, muitos escoceses achavam que a descoberta de um poema épico de fundação estabelecia um passado literário para Escócia num momento em que se procurava resgatar tradições.

Para defender a credibilidade das “traduções” da poesia ossiânica, foram acrescentadas notas finais e de pé de página, dissertações, prefácios e apêndices às diferentes edições. Por exemplo, na edição de 1765 foi incluído um longo e bem cuidado texto assinado por Hugh Blair, professor de Retórica e de Belas-Artes da Universidade de Edimburgo. Em *sua Critical Dissertation on the Poems of Ossian, the Son of Fingal*, o crítico escocês apresenta argumentos para comprovar a autenticidade das traduções de Macpherson. Nele afirma, contra a acusação de ter havido algum tipo de impostura, que a autenticidade dos poemas poderia ser comprovada através dos manuscritos existentes e também pelo testemunho de antigos habitantes quanto à inquestionável tradição daqueles poemas (STAFFORD, 1996, p. 355). Esse cuidado em apresentar uma base histórica para o poema, em vez de evitar acusações, acabaria por torná-las mais numerosas.

Questionamentos quanto à autenticidade das traduções também vieram do País de Gales e da Irlanda. O galês Lewis Morris, antiquário e estudioso da cultura celta, considerou os poemas uma invenção do escocês. A desconfiança de Lewis parece ter aumentado após saber que Macpherson teria afirmado que poderia aprender o galês rapidamente e traduzir qualquer poema escrito nesse idioma, caso encontrasse algo que valesse a pena ser traduzido (STAFFORD, 1988, p. 164). Em relação aos estudiosos irlandeses, a base histórica apresentada para os poemas Fingal e Temora não poderia ser tomada como verdadeira, pois a Irlanda não dependia culturalmente da Escócia, tendo o herói Fingal e sua gente origem irlandesa e não escocesa, como queriam Macpherson e seus defensores. Ferdinando Warner, em *Remarks on the History of Fingal and Other Poems of Ossian*, publicado em Londres em 1762, reconhece que o épico Fingal apresentado por Macpherson está baseado na tradição celta, mas não aceita os dados históricos que comprovariam a tese defendida pelos escoceses.

Outros historiadores irlandeses reagiram de forma mais veemente, principalmente após a publicação de *Temora*, em 1763. No prefácio dessa obra, Macpherson criticou alguns escritores irlandeses de forma irônica, dentre eles John Fordun, que, de acordo com as acusações, teria tomado a ficção de bardos irlandeses como fonte histórica. Estudiosos irlandeses da cultura celta responderam às acusações do escocês apontando possíveis erros e omissões nos poemas, segundo eles forjados por Macpherson.

Como dissemos anteriormente, Macpherson faria com que a poesia de origem celta passasse a ocupar um lugar de destaque entre os temas debatidos por especialistas britânicos e também se tornasse mais conhecida pelo público leitor em geral. Ossian estaria em voga por longo tempo. Muitas pessoas dariam nomes a seus filhos tendo como inspiração os poemas ossiânicos, como por exemplo o dramaturgo Oscar Wilde, cujo nome completo era Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde. De acordo com o poema, Oscar é neto de Fingal, pai de Ossian. A mãe de Oscar, Jane Wilde, escreveu a uma amiga escocesa dizendo que embalava no berço seu bebê de um mês que iria chamar-se *Oscar Fingal Wilde*, nome que, segundo ela, era *grandioso, vago e ossiânico* (ELLMAN, 1989).

A poesia ossiânica ganharia fama internacional rapidamente. Já 1763, Abbe Cesarotti traduziu *Fingal* para a língua italiana. Acredita-se que essa tradução muito tenha contribuído para que Ossian se tornasse conhecido no continente europeu. A partir da versão em língua italiana, a poesia ossiânica seria traduzida para vários outros idiomas. Quanto às traduções para a língua portuguesa, até meados do século XIX só existiam, segundo Eugênio Gomes (GOMES, 1958), duas traduções de fragmentos dos *Cantos de Selma* e de *Fingal*, assinadas respectivamente por José Bonifácio (ou Américo Elísio) e Bocage. O crítico ainda acrescenta que, da década de 40 em diante, outras traduções surgiriam. Em 1843, Francisco Otaviano traduziu na íntegra os *Cantos de Selma*, publicados em 1857 numa edição de somente sete exemplares. Os *Cantos de Colma* e *Fingal* foram traduzidos por Soares Passos e publicados em 1856.

As inúmeras traduções, para as mais diversas línguas, são ser comprobatórias do interesse que os poemas publicados por James Macpherson despertaram em leitores de diferentes partes do mundo, vindo a servir de inspiração para criações artísticas diversas, como peças de teatro, composições musicais e pinturas.

E é a recepção desses textos em outras nações europeias que estudaremos na próxima etapa desta pesquisa.

### Referências Bibliográficas

- BOLD, Alan, ed. *Sir Walter Scott: The Long-Forgotten Melody*. London: Vision, Barnes & Noble, 1983.
- DAICHES, David. *The Paradox of Scottish Culture: The Eighteenth Century Experience*. London: Oxford University Press, 1964.
- ELLMAN, Richard. *Oscar Wilde*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GASKILL, Howard, ed. *The Poems of Ossian and Related Works*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.
- GOMES, Eugênio. "Ossian no Brasil". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 29 de març. 1958, 1º Caderno, p. 9 e 12.
- HOBBSAWN, Eric J & TERENCE, Ranger, eds. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MACLEAN, Fitzroy. *Scotland: a Concise History*. Singapore: Thames and Hudson, 1996.
- OTAVIANO, Francisco. *Os Cantos de Selma*. Rio de Janeiro: Tipografia da República, 1872.
- STAFFORD, Fiona. *The Sublime Savage: James Macpherson and the Poems of Ossian*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.